

LICEU SALESIANO SÃO GONÇALO
Cuiabá, MT.

Brasil



Prezados Irmãos salesianos.

Dia 13 de novembro de 1986, às 22 horas e 30 minutos, faleceu na Santa Casa local o nosso irmão

padre JOÃO PANAROTTO,

com 78 anos de idade.

Na segunda-feira, 10 de novembro, saía, como de costume, antes das seis horas, para celebrar Missa no Asilo Santa Rita, a menos de quinhentos metros da nossa casa. Ao atravessar a avenida Tenente Coronel Duarte - Prainha - foi violentamente atropelado por um veículo, que não respeitou a sinalização. O impacto foi inevitável, apesar da tentativa do padre de acelerar o passo, pois a velocidade do carro era excessiva, tanto que chegou, no choque, a levantar a vítima jogando-a sobre a capota e contra o pára-brisa. Perdendo sangue e os sentidos, foi socorrido imediatamente e atendido antes no Pronto Socorro Municipal e depois, diante do quadro gravíssimo, na Santa Casa, para os cuidados e terapias do caso.

À primeira vista aparecia uma grande ferida na parte posterior da cabeça e a fratura da perna esquerda. As chapas radiográficas revelaram fraturas também na clavícula esquerda e no segundo arco costelar. A radiografia da cabeça deixava transparecer algo grave.

Após a terapia intensiva, na terça-feira, alegrou-nos sua situação geral, pois deu sinais de voltar à si e com acenos das mãos e do olhar respondia às interpelações do médico e dos presentes. A resistência de sua forte compleição alimentava as esperanças do médico, seu ex-aluno, que cuidava dele com carinho e competência.

Complicações pulmonares, sobrevindas pela imobilidade forçada, e renais foram agravando o quadro clínico e na quinta-feira, à noite, quando os médicos tentavam pela hemo-dialise reativar a função renal, o coração não resistiu e assim o padre João voltava à Casa do Pai.

Nasceu em San Giovanni Ilarione, Diocese de Vicenza, na Itália, dia 1º de Julho de 1908, de pais que à laboriosidade própria dos camponeses vênetos uniam uma fé profunda e inabalável. No dia seguinte ao seu nascimento o pequeno João foi levado à pia batismal e começou a fazer parte da Família de Deus.

Escreve uma sua irmã: "Agrada-me reviver o tempo da infância e da juventude de nós oito irmãos, sendo que nós dois éramos os mais próximos pela idade e na 1ª série do primário tivemos a mesma professora. Percorríamos juntos, a pé, o longo caminho da escola. Sua vida entre nós foi simples. Ficava satisfeito com pouca coisa. Lembro que na ocasião da Crisma, (19 de outubro de 1915) pediu um crucifixo que ainda guardamos como lembrança."

Aos quinze anos manifestou pela primeira vez o desejo de ser padre. Ninguém o levou a sério "porque nunca a escola tinha sido sua amiga." Bem que a mãe Pierina desejava tanto ver um filho sacerdote, mas veio a falecer cerca de dois anos antes do filho João decidir entrar numa casa salesiana.

Aos vinte anos teve que servir no quartel por cerca de 18 meses. Foi neste período que amadureceu sua vocação sacerdotal e salesiana. Em outubro de 1929 entrou na Casa salesiana de Trento. Com vinte e um anos de idade retomou em mãos os livros deixados de lado após a terceira série do primário e preparou-se para entrar no noviciado.

As cartas de apresentação, redigidas pelos Párocos das paróquias em que morou antes de entrar no noviciado, dizem qual o potencial de fé e de coerência que trazia consigo o jovem e robusto candidato à vida religiosa: "O pedido (para entrar no noviciado) de João Panarotto não me causa surpresa: pode aceitá-lo, Reverendíssimo Padre. Sentir-se-á bem contente. Não posso dar-lhe senão ótimas notícias em tudo. Foi ótimo em seu comportamento no vilarejo; ótimo na Ação Católica; ótimo na família; ótimo em tudo e com todos. Foi ótimo também no período do serviço militar. Seu pároco não pode que elogiá-lo e mais ainda recomendá-lo." (Carta de Informações, 1933).

Terminado o Ginásio, em 1933/34 fez o noviciado em Este. A batina, recebida das mãos do Padre Pedro Ricaldone, será o hábito eclesiástico querido até à sua morte, sinal de sua fidelidade à Igreja e desapego do mundo.

No bolso da batina, tingida de sangue no triste acidente, encontramos a teca com a Eucaristia, que levava, como de costume, a algum doente ou ancião, visitado diuturnamente nas suas caminhadas apostólicas.

O SALESIANO.

Trouxe para a Congregação as qualidades cultivadas no lar e na paróquia: trabalhador, homem de fé, apóstolo.

Seu quarto, deixado o espaço mínimo para os livros e a cama, era completamente tomado por uma verdadeira oficina, bem montada. Sabia da dificuldade de encontrar mão-de-obra, para pequenos consertos e a manutenção das instalações elétricas e de som. Soube se precaver e dedicava horas, que seriam de descanso, para que nas capelas não faltasse o necessário para as celebrações e a catequese. Quantos terços fez com suas mãos e distribuiu, incentivando a devoção a Nossa Senhora pela oração tradicional e sempre atual do Rosário.

A fé, haurida dos pais e vivenciada entre os irmãos e os colegas na paróquia, foi a força alentadora de sua vida tornando-se oração e caridade pastoral. Até durante a noite levantava para orar. A reza do Terço, pelos corredores da casa ou pelas ruas da cidade, era o momento do diálogo filial com a Mãe de Deus.

A caridade pastoral levava-o onde alguém precisasse dos confortos da Religião, incansável e disposto quando se tratava do bem das almas: "Passou fazendo o bem".

Aparecia reservado e taciturno na comunidade salesiana, mas era expansivo e comunicativo na sua atividade apostólica e com os familiares. Recebia frequentemente correspondência dos irmãos e sobrinhos. Em cada envelope estava marcada a data do recebimento e da resposta, que normalmente era imediata. Os parentes aguardavam com ansiedade seus escritos confortadores, em que narrava suas peripécias apostólicas. Deles recebia ajudas precosas. Sabia pedir. Nada para si, tudo para os outros.

Não galgou nenhum cargo na Congregação. Foi salesiano, foi sacerdote. Nem siquer consta que tenha sido nomeado "vigário" de alguma paróquia, embora tenha sido, implantador de algumas. Uma frase de Paulo VI, que encontramos datilografada num recorte de papel, espelha o empenho de sua vida sacerdotal: "O sacerdote é o ministro da palavra e dos sacramentos. Esta responsabilidade exige dele uma santidade de vida não comum, um zelo apostólico sem limites, uma fidelidade sincera à Igreja." (Junho de 1970, na canonização de João de Ávila).

Sempre foi "soldado raso", ajudante, mas com aquela autonomia justificada pela situação missionária da região em que atuou.

Os poucos dias, que precederam sua morte, evidenciaram o afreço, o afeto e a gratidão de centenas de ex-alunos e paroquianos de Cuiabá e Várzea Grande, que queriam visitá-lo na Santa Casa ou se reuniam em vigília de orações. Médicos, Irmãs salesianas e enfermeiras, todos ligados de alguma maneira ao padre João, cuidaram dele como de alguém da família. Os salesianos desta Casa revezaram-se, dia e noi-

Padre João caracterizava-se pela simplicidade e objetividade. Em todas as manifestações da sua vida visava o essencial. Formado na dureza do trabalho dos campos, animava seus dias pela fé, que traduzia na oração e na ação. Rezava e trabalhava.

Outra carta do Pároco, apresentando-o ao diretor da casa salesiana em 1929, assim relata: "O jovem João Panarotto, de 21 anos, residindo nesta paróquia desde 1926, teve sempre um comportamento exemplar, digno de louvor sob todos os aspectos. Embora a cinco quilômetros de distância, frequenta a igreja quase todos os dias, recebendo a Comunhão. Membro do Grupo Juvenil, é o melhor de todos. Manifesta vocação eclesiástica, que, comprovada de diversas maneiras, demonstra-se garantida. Ainda que sem muito estudo, tem critério e uma memória notável."

O PROFESSOR

Com a tenácia de seu temperamento conseguiu superar as etapas da formação alcançando aqueles conhecimentos gerais e específicos indispensáveis à tarefa educativo-pastoral do salesiano. Soube ser organizado na preparação das aulas. Os testes e provas aplicados na sala de aula eram diversificados, para dificultar o mais possível o hábito da "cola". Os alunos, no entanto, sempre conseguiam algum ponto a mais com as suas tentativas extra-classe de apelar pela bondade, que deve ser a qualidade dominante de todo padre. A rigidez forçada do professor na sala de aula dava lugar à compreensão e à amizade ao término das lições, deixando nas centenas de ex-alunos grata lembrança do educador bom e paterno. Antigos alunos, hoje ocupando postos de governo ou de destaque na sociedade, se fizeram presentes nos momentos de ansiedade pela saúde do mestre querido, quiseram visitá-lo na Santa Casa e dar-lhe depois o adeus definitivo.

O PASTOR

Se as anotações de seus planos de aula dão alguns traços do educador responsável e dedicado, as reflexões pessoais, as citações bíblicas, os esquemas para a catequese e os sermões, que aparecem em centenas de fichas improvisadas, mas redigidas com letra clara e ordenada ou datilografadas, nos revelam o empenho do pastor e do catequista, que procurou na meditação pessoal sobre os textos sagrados os conteúdos transmitidos com segurança nas celebrações litúrgicas e na catequese.

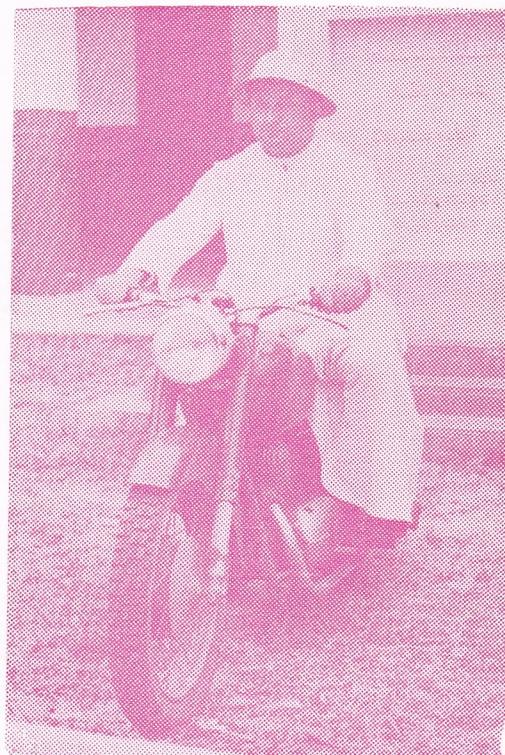
Sua ação pastoral foi essencialmente missionária: contactou grupos e povoados, procurando formar comunidades de vivência cristã. Batizados, Primeiras Comunhões, Casamentos preparados ou "conservados", atendimento de confissões sacramentais, visitas aos doentes, foram as atividades que realizou até à sua morte. Por mais de quarenta anos de presença em Cuiabá percorreu as estradas da grande periferia e região rural com a sua moto, até que a prudência lho permitiu. Depois, a pé, de ônibus ou conduzido por algum colaborador. Ultimamente caminhava muito, sempre com o terço nas mãos.

Emitiu sua primeira profissão em agosto de 1934 e logo preparou-se para atravessar o Oceano. Desembarcou no Rio de Janeiro em novembro e seguiu logo mais para Cuiabá.

É na Capital de Mato Grosso que fez seus estudos de Filosofia no vetusto Seminário da Conceição unindo-se ao grupo de jovens missionários, que deixaram sua pátria com a idade entre 15 e vinte anos, para se inserirem na Inspetoria de Mato Grosso, espalhada no imenso Estado, rica de trabalho e esperanças. Transcorreu os anos do tirocínio prático em Três Lagoas, na divisa com o Estado de São Paulo e em Ponta Porã, na fronteira com o Paraguai. No Instituto Pio XI, em São Paulo, fez seus estudos de Teologia de 1940 a 1943. Foi ordenado sacerdote pelo bispo missionário Dom Pedro Massa, SDB, no dia 8 de dezembro de 1943.

Após breve permanência em Campo Grande, São José, e em Meruri, retornou a Cuiabá no início do ano de 1946. Por mais de dez anos foi professor de Matemática e Geografia no Liceu Salesiano São Gonçalo, além de prestar serviço à pastoral na paróquia e capelas da periferia. Em Cuiabá permaneceu até à morte, com exceção de alguns meses transcorridos em Corumbá no ano de 1967. A partir de 1956 dedicou-se quase exclusivamente à pastoral paroquial nos bairros periféricos de Cuiabá e Várzea Grande.

Quem viveu com o padre João ou o conheceu nos anos cinqüenta e sessenta, lembra-o inseparável de sua pesada motocicleta, válida companheira nas estradas, ora poeirrentas, ora lamaçentas, para facilitar e multiplicar sua presença nos pequenos povoados ao longo do Rio Cuiabá.



te, para serem-lhe presentes e prontos para qualquer emergência. Simpático o gesto dos alunos do Liceu São Gonçalo, que em bom número acorreram para doar sangue, escasso em todos os hospitais da cidade. Questões burocráticas frustraram o gesto expontâneo dos jovens. A generosidade de alguns soldados do quartel ajudou a resolver o problema.

O corpo foi velado no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, revestido dos paramentos doados por suas Irmãs e trazidos da Itália na sua última viagem, em 1985. Grande o número de alunos, religiosas, religiosos e fiéis, que quiseram dar seu último adeus ao estimado padre João. A Missa de corpo presente foi presidida pelo arcebispo Dom Bonifácio Piccinini, SDB, que se fez presente diversas vezes na Santa Casa, para dar seu conforto fraternal. Dezenas de padres tomaram parte na concelebração eucarística, presenciada por numerosos amigos e fiéis. Padre José Corazza, colega do padre João na primeira viagem ao Brasil, em 1934, representou o padre Inspetor e em suas palavras enalteceu a figura do pastor que dedicou todas suas energias para o bem das almas.

Agradecemos a Deus pela presença do padre João na nossa comunidade; pelo seu exemplo de fidelidade; pelo seu olhar para aquilo que é essencial e perene, que nenhum vento de mudanças e novidades soube desviar.

Uma oração pelo descanso em Deus do querido padre João e pela vocação dos nossos jovens, que venham a tomar o lugar de quem termina sua missão.

Em Dom Bosco,

Padre João Zerbini
Diretor

Cuiabá, 24 de abril de 1987

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Padre João Panarotto

* em San Giovanni Ilarione, Itália, a 1º de julho de 1908

+ em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, aos 13 de novembro de 1986

78 anos de idade - 52 anos de profissão - 43 de sacerdócio